

## O fotógrafo como testemunha ocular: Evandro Teixeira e o movimento estudantil em 1968<sup>1</sup>

Maria Fernanda Almeida TORRES<sup>2</sup>

Márcia Neme BUZALAF<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### RESUMO

O presente trabalho objetivou retomar a luta do movimento estudantil em 1968, tendo como objeto de análise uma fotografia de Evandro Teixeira e sua narrativa, como testemunha ocular dos fatos. Considerado um dos principais fotógrafos do período, suas imagens são elementos centrais da memória da ditadura civil-militar e impedem o esquecimento ou abrandamento que o tempo, muitas vezes, lança sobre a história. A análise imagética, que dividiu-se em análise iconográfica e interpretação iconológica, foi embasada em conceitos de Erwin Panofsky levantados por Peter Burke na obra “Testemunha Ocular: história e imagem” (2004) e Boris Kossov, em “Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo” (2007). Este detalhamento reafirmou a relevância histórica dessa fotografia e seu poder de comunicação, mesmo em tempos de censura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento estudantil; Evandro Teixeira; ditadura civil-militar; historiografia.

### APRESENTAÇÃO

Este artigo é parte das pesquisas desenvolvidas para conclusão do mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, cujo objeto central de análise é o fotógrafo Evandro Teixeira, seus relatos como fotógrafo-participativo e suas fotografias, especificamente do movimento estudantil. Esta pesquisa está sendo realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

1968 foi um ano incendiário, marcado por explosões e revoltas: operárias, estudantis, ambientais, dos negros, das feministas, dos homossexuais, e foi

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, e-mail: [mf\\_almeidatorres@hotmail.com](mailto:mf_almeidatorres@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, e-mail: [marciabuzalaf@gmail.com](mailto:marciabuzalaf@gmail.com)

---

caracterizado por um levante geral ocasionado por um descontentamento social e político, em um cenário de grandes transformações e movimentos de contra-cultura.

Em maio, observou-se a plena efervescência, ao representar o auge de um momento histórico de intensas transformações políticas, culturais e comportamentais que marcaram a segunda metade do século XX. Países como Vietnã, Alemanha, Estados Unidos, México e República Tcheca reuniram estudantes e trabalhadores que apresentavam algo em comum: sua indignação e questionamentos ao poder. Na França, sob forte influência inicial da juventude, essa indignação cresceu gradativamente e passou a apresentar diferentes formas de resistência política, seja nos palcos das universidades de Nanterre e Sorbonne ou nas fábricas e ruas do Quartier Latin. Estudantes e operários franceses protagonizaram um movimento que marcou a história estudantil para sempre e incentivou sucessivos movimentos de protestos em países europeus e americanos.

Para o sociólogo Ricardo Antunes e o historiador Marcelo Ridenti (2007), o 1968 brasileiro teve suas especificidades, para além da influência dos fatores internacionais e movimentos contestadores de outros países. O movimento estudantil, por exemplo, seguiu uma dinâmica de luta específica e um calendário político próprio, anterior ao maio de 1968 da França. Isso não significa que os brasileiros não estavam sintonizados com os acontecimentos do momento, aliás, havia uma série de aspectos comuns intensificados pelo clima político no cenário mundial de 1968, tais como: industrialização avançada, crescente urbanização, massificação dada pela indústria cultural, aumento do proletariado e das classes médias assalariadas, a importância dos jovens na composição etária da população e acesso crescente ao ensino superior. Sobre este último item, o historiador inglês Eric Hobsbawm (1995) afirma que houve um crescimento repentino de estudantes (especialmente no ensino superior) e essas mudanças quantitativas foram traduzidas por significativos números de estudantes matriculados nas universidades que, conseqüentemente, não estavam preparadas para tal influxo.

Freire (2008) afirma que na América Latina, os confrontos deste período também foram motivados por questões ligadas à educação e ditaduras militares. No México, dezenas de pessoas morreram nas universidades e nas ruas; já no Uruguai, violentos confrontos deixaram o governo em estado de emergência. Na Venezuela, Colômbia e Argentina, estudantes ocuparam universidades, decretaram greves e

iniciaram a luta armada contra policiais e forças do Exército. Em outras palavras, 1968 representa uma história mundial de contestação à guerra, à sociedade de consumo e ao autoritarismo.

## **FATOS QUE PRECEDERAM A PASSEATA DOS CEM MIL**

Considerada uma das forças de oposição à ditadura civil-militar, o movimento estudantil ousou se contrapor às leis repressivas e mostrou sua capacidade de mobilização social por meio de manifestações, passeatas e atos públicos. Sua articulação através dos debates, congressos e jornais clandestinos envolveu não somente estudantes, mas também camadas intelectualizadas, trabalhadores e demais cidadãos que tinham em comum o descontentamento com o regime opressor da época. Estes estudantes tiveram um papel fundamental, pois agitaram profundamente a cultura nacional, batalharam pela conscientização e engajamento da juventude brasileira. Em diversos momentos precisaram atuar na clandestinidade, foram brutalmente reprimidos e massacrados pela polícia com os demais movimentos oposicionistas. Eram vistos pelo regime como uma ameaça à segurança nacional, dessa forma, foram alvos de sucessivas tentativas de desarticulação. Motta (2014, p. 30) descreve o episódio mais marcante de repressão e perseguição contra os estudantes, logo no primeiro dia de Golpe:

A violência deflagrada pelo golpe visou, com mais intensidade, às lideranças estudantis e suas entidades, consideradas mais comprometidas pela “infiltração comunista” que o corpo docente. A repressão mais aguda contra estudantes ficou simbolizada pelo episódio de depredação e incêndio, na tarde do dia 1º de abril de 1964, no Rio de Janeiro, do prédio da UNE, objeto de ódio dos grupos de direita e fonte de preocupação constante dos governos militares, que acabaram por proibir seu funcionamento. Também no Rio de Janeiro, o Conselho Universitário da UB dissolveu três diretórios estudantis (Filosofia, Direito e Engenharia), por acusação de indisciplina grave durante os acontecimentos que levaram à “Revolução”.

Outras batalhas discorreram ao passar dos anos. Em 28 de março de 1968, 25 soldados do Batalhão de Choque da PM invadiram o Calabouço, no Centro do Rio de Janeiro, enquanto alguns estudantes jantavam e outros assistiam a uma aula, preparando uma nova manifestação, cujo objetivo era protestar as más condições do restaurante. A narrativa do Jornal do Brasil, mediante a situação, foi a seguinte:

À medida que invadiam o restaurante, os policiais, que eram comandados por um tenente ou aspirante alto e gordo, iam atacando todos, inclusive o professor que dava aula no Instituto Cooperativo de Ensino, ali instalado. Os estudantes

---

logo se organizaram e passaram a revidar a agressão com pedradas. Foi nesse momento que o tenente-comandante do pelotão sacou o revólver e atingiu Édson Luiz de Lima Souto, que, em companhia de Benedito Frasnão Dias, assistia à aula (TEIXEIRA, 2007, p. 31).

Fritz Utzeri, em um capítulo do livro “1968 destinos 2008: Passeata dos 100 mil”, organizado por Evandro Teixeira, relembrou e testemunhou alguns momentos vividos neste período, que serão discorridos a seguir. O jornalista afirmou que desde o início da ditadura, em 1964, houveram massacres, torturas e prisões, mas a morte de Edson Luís marcou o início de um período ainda mais sangrento que estava por vir. No dia seguinte, 29 de março, cerca de 20 mil estudantes e populares acompanharam o enterro de Edson Luís, que discorreu sem intervenção militar. O grito, que em tom uníssono clamava “Abaixo a ditadura” foi substituído por: “O povo organizado derruba a ditadura”. O cortejo passou pela Glória e seguiu para a Praia do Flamengo, sensibilizando uma multidão de pessoas que acenavam pelas janelas, jogavam flores e acendiam velas, aplaudindo.

Uma nova passeata foi convocada pelos estudantes, para o dia 1º de abril, o mesmo dia em que ocorreu o golpe. Segundo Sanfelice (1986), este foi o maior movimento de protesto contra o regime já conseguido até então. Completou-se o quarto ano de ditadura civil-militar e no Rio de Janeiro, o choque de manifestantes com a polícia auxiliada pela Dops resultou em outras mortes: o estudante Jorge Aprígio de Paula e o escriturário Davi de Souza Neiva. Além das mortes, 60 populares e 39 policiais ficaram feridos, 321 pessoas foram presas e toda cidade ficou ocupada por tropas federais. Em Goiânia, com um tiro de fuzil, morreu o estudante Ivo Vieira. A morte passou a ser banalizada e surgiu uma nova palavra de ordem: “Só o povo armado derruba a ditadura”.

Na quinta-feira, 04 de abril, celebrou-se a missa de 7º dia pela morte de Edson Luís na Candelária. No cruzamento entre a Avenida Rio Branco com Getúlio Vargas, o tenente que comandava a tropa ordenou aos seus soldados que desembainhassem os sabres para dispersar cerca de 2 mil pessoas que vinham em sua direção. Mais à frente, 16 sacerdotes de mãos dadas formaram um escudo humano, comandados pelo bispo-auxiliar Dom José de Castro Pinto. Embora o bispo-auxiliar houvesse dialogado com o comandante da PM, explicando que não se tratava de uma passeata ou manifestação, mas sim, uma dispersão; a polícia espancou quem assistia à missa, com golpes de cassetete e sabre, jogou seus cavalos sobre mulheres e crianças e agrediu brutalmente

um dos fotógrafos do JB – Alberto Jacó. Ao fim do dia, mais de 600 pessoas foram levadas para o Dops e outras dezenas ficaram feridas. Por todo o país, a partir destes acontecimentos, as greves universitárias se multiplicaram, refletindo uma situação que se disseminava em todo mundo (UTZERI, 2007).

No dia 19 de junho, os estudantes foram novamente às ruas e o líder estudantil Jean Marc Van Der Weid foi preso. No dia seguinte, houve uma assembleia no Teatro de Arena da Faculdade de Economia, na Praia Vermelha, cuja pauta foi a prisão do líder Jean Marc, a luta por verbas e o aumento de vagas nas universidades. Segundo Utzeri (2007), novamente a polícia cercou a reitoria e prendeu aproximadamente 400 estudantes, que, alinhados nas grades do *campus* de costas e de mãos pra cima, foram violentados com golpes de cassetetes, receberam chutes no corpo e na cabeça, urinaram sobre eles e passaram os cassetetes entre as pernas das moças, fazendo comentários obscenos.

O dia 21 de junho foi considerado o mais violento dos confrontos entre estudantes e policiais e ficou conhecido como “Sexta-feira Sangrenta”. De acordo com Valle (1997), os estudantes caíram na “cilada” do diálogo proposto pelo Ministro da Educação, Tarso Dutra. Um novo protesto se iniciou, como forma de denunciar os crimes cometidos pela polícia nos dias anteriores – no entanto, receberam o mesmo desfecho: a repressão. A proporção tomada pela violência na “Sexta-feira sangrenta” diferiu das demais manifestações porque setores populares aderiram ao movimento. Utzeri afirmou que o povo do centro da cidade, desde os mais humildes, resolveram apoiar a causa dos estudantes. Apesar da generalização, a polícia foi às ruas – dessa vez, com força letal e ordem de matar. O povo, que resistiu por cerca de dez horas, reagiu com paus e pedras, e do alto de edifícios, foram arremessados cinzeiros, garrafas, cadeiras, vasos de flores, sacos de cimento e até uma máquina de escrever. O resultado: 23 pessoas baleadas, 4 mortes (incluindo o soldado da PM Néilson de Barros, que foi atingido por um tijolo jogado de um prédio), 35 soldados feridos a pau e pedra, 6 intoxicados e 15 populares espancados pela polícia. No Dops, cerca de mil presos amontoaram-se.

No sábado, 22, a camada intelectualizada e representantes da imprensa se revoltaram e concentraram-se em frente à sede do Fluminense Futebol Clube, para marchar até o Palácio Guanabara. Segundo Utzeri (2007), quase 300 intelectuais, incluindo Gilberto Gil, Caetano Veloso, Oscar Niemeyer, Clarice Lispector entre outros,

---

clamavam pelo direito da livre manifestação de pensamento, reunião e protesto e a destituição do secretário de Segurança Pública, responsável pelas ocorrências. No dia 25 de junho, mães, artistas, intelectuais, estudantes e religiosos reuniram-se no Teatro Gláucio Gil.

Padres dominicanos e lazaristas também estiveram nessa reunião, saindo de mãos dadas nas ruas contra a repressão policial, ao passo que o movimento estudantil crescia a partir da sexta-feira sangrenta. Depois de reunir-se com o comandante do I Exército, o governador Negrão de Lima autorizou a Passeata dos Cem Mil.

### **EVANDRO TEIXEIRA: VIDA E OBRA**

Nascido em Santa Inês (antiga Irajuba), na Bahia, em 1935, Evandro Teixeira iniciou a carreira de fotojornalista em 1957. Passou pelo periodismo baiano, no Diário de Notícias e logo se estabeleceu no Rio de Janeiro, trabalhando nos Diários Associados, Diário da Noite e em O Jornal. Em 1963, entrou no Jornal do Brasil, o popular e renomado “JB”, no qual ficou por 47 anos.

Autor de seis livros – Fotojornalismo (1983), Canudos 100 anos (1997), O Livro das Águas (2001), Vou viver: tributo a Pablo Neruda (2005), 1968: destinos Passeata dos 100 mil (2008) e Evandro Teixeira: Retratos do Tempo - 50 anos de Fotojornalismo (2015) -, o fotógrafo também teve suas obras incluídas em acervos de vários museus ao redor do mundo, como o Centro de Artes Georges Pompidou, em Paris, na França. Evandro Teixeira também recebeu o Prêmio Especial da Unesco no Concurso Internacional “A Família”, no Japão (1993) e os Prêmios de 1975 e 1991 do Concurso Internacional da Nikon, também no Japão. Na mostra dos 40 mais importantes fotógrafos do mundo, evento promovido pela Leica nos Estados Unidos, Evandro Teixeira estava na lista, destacando-se mais uma vez mundialmente.

Em momentos centrais de sua produção, as fotografias de Evandro Teixeira assumiram a essência do fotojornalismo e da própria técnica de fotografia. Seu trabalho apresenta uma carga imagética absolutamente reveladora, subversiva em relação ao próprio imaginário que o regime buscava difundir. Ao retratar manifestações de estudantes e trabalhadores, os registros de Evandro Teixeira tornaram-se a face da repressão e da resistência. Hoje, essas imagens são elementos centrais da memória dos

anos de chumbo e impedem o esquecimento ou abrandamento que o tempo, muitas vezes, lança sobre a história.

### **Evandro Teixeira: fotógrafo e testemunha ocular**

Na madrugada de 31 de março de 1964, Evandro Teixeira recebeu um telefonema que mudaria toda sua trajetória como fotógrafo: era o Capitão Leno, seu amigo do Exército, que lhe informara que os militares haviam invadido o Forte de Copacabana. Após a queda de João Goulart, novamente instalou-se um regime ditatorial no Brasil e o presidente deposto precisou dirigir-se às pressas para o Rio Grande do Sul, onde partiu para o exílio. Infiltrado, Evandro Teixeira fez o primeiro registro de um dos períodos mais sombrios da história nacional (figura 1).

Para a jornalista Silvana Costa Moreira em seu livro “Evandro Teixeira: um certo olhar” (2014), Teixeira narra algumas de suas experiências como fotógrafo: “Desde o primeiro momento, quando flagrei a tomada do Forte de Copacabana, assumi o compromisso de registrar imagens que revelassem as arbitrariedades e injustiças dos governos militares que tomaram de assalto a democracia no país” (p. 83).

Figura 1: Registro da tomada do Forte de Copacabana, 1º de abril de 1964. Fotografia de Evandro Teixeira.



Fonte: Portal Terra, 2014

No Rio de Janeiro em 1968, como já dito anteriormente, as primeiras lutas foram encabeçadas por estudantes universitários e secundaristas, cujas exigências eram por

mais vagas nas universidades e melhorias no restaurante Calabouço, próximo ao aeroporto Santos Dumont. Segundo Moreira (2014), no dia 28 de março, enquanto organizaram um ato de protesto para cobrar um posicionamento do governo perante os problemas estudantis expostos, tropas da polícia do Exército dispararam contra um grupo, na tentativa de reprimir a manifestação. O secundarista Edson Luís de Lima Souto, aos 18 anos de idade, foi morto pela polícia. Recusando-se a entregar o corpo aos policiais, cientes de que os mesmos poderiam dar um sumiço com o intuito de omitir os sinais de truculência do regime, os estudantes o levaram para a Assembleia Legislativa, na Cinelândia. No dia seguinte, cerca de 50 mil pessoas tomaram as ruas da cidade e, tomadas por revolta, velaram o corpo do estudante.

A missa de sétimo dia de Edson Luís, na Candelária, foi marcada por uma enorme tensão. A igreja, cercada por militares, foi tomada pela violência aos que se solidarizavam pela morte do jovem. Nas palavras do fotógrafo:

A morte de um menino de 18 anos emocionou todo mundo. Sabíamos que um dia alguém iria morrer. Achávamos que seria um de nós, os líderes. Houve grande repercussão popular. Chegaram intelectuais, padres, políticos, freiras. Foi tocante. Mostrou que a sociedade estava envolvida com a nossa luta também – lembra um dos principais líderes do movimento estudantil, Vladimir Palmeira (MOREIRA, 2014, p. 84).

Iniciou-se, então, um período ainda mais sombrio – e o regime se mostrou ainda mais tirânico. Nos jornais, a censura se atenuou e criou-se um abismo entre o que era, de fato, registrado, ao que era mostrado pela mídia. “O Jornal do Brasil era censuradíssimo. No primeiro momento do Golpe, praticamente todos os jornais se manifestaram favoráveis aos militares. Depois mudaram de opinião. Até porque o próprio Golpe mudou” – relata Teixeira (MOREIRA, 2014, p. 84).

O dia 21 de junho ganhou nome: “Sexta-feira Sangrenta”. Logo pela manhã, quando estudantes protestaram em frente à embaixada dos Estados Unidos contra o apoio norte-americano ao golpe militar, o terror tomou proporções assustadoras e a polícia abusou de sua força para reprimir manifestantes e também jornalistas que documentavam a cena. Evandro Teixeira recorda este momento:

Foi um dos dias mais sangrentos que o Rio de Janeiro viveu. O JB foi fechado à bala. A polícia começou a atirar e fechar portas. O que mais me impressionou foi aquele estudante de medicina batendo com a cabeça no meio fio, em frente ao Theatro Municipal, e caindo morto. Ele deu um berro horroroso, chocante. Fiz a foto num único fotograma, e não deu tempo pra mais nada porque os policiais vieram pra cima de mim. Foi horrível. [...] Fotografar, nessa época, era



---

uma guerra. Você precisava ter noção do que estava fotografando, do que enfrentava e do perigo que corria (MOREIRA, 2014, p. 85)

O que estava diante dos olhos de Evandro Teixeira era registrado com agilidade, sem tempo para muita elaboração. Era a sua reação ao momento que determinava o que era possível registrar. Nas palavras do fotógrafo: “Se não se arriscasse, não fotografava. Como tinha que ter vivacidade pra fazer as fotos, passei a me arriscar. Isso me ajudou posteriormente”. O simples registro da história passou a ser incômodo aos militares, considerado um dos piores “crimes” cometidos pela imprensa. Mas, mesmo assim, os fotógrafos não desistiram. Evandro Teixeira conseguiu escapar da brutalidade dos policiais para exercer a sua função e construir um aparato repleto de significação imagética e intensa intertextualidade (MOREIRA, 2014).

Diante da repercussão negativa da “Sexta-feira Sangrenta”, um novo ato surgiu, dessa vez com ainda mais indignação e força. Havia rumores de que o líder da União Metropolitana dos Estudantes (UME), Vladimir Palmeira, seria preso ou morto no protesto que estava agendado para o dia 26 de junho de 1968. O líder da UME defendia um socialismo democrático e havia uma grande tensão contra o imperialismo americano. Evandro Teixeira seguiu rumo à Cinelândia para receber o líder estudantil, que chegara com outros estudantes à sua volta. Cerca de 100 mil pessoas ocuparam as ruas do Rio de Janeiro para protestar contra o governo, incluindo intelectuais.

Naquele 26 de junho, ao contrário de outras manifestações, não havia tropas de choque da PM nas ruas. Segundo Utzeri (2007), às 10 horas, a Praça Marechal Gloriano começou a receber estudantes, professores, intelectuais, artistas, mães, padres e populares. Às 11 horas, a multidão chegou a 15 mil pessoas e ocupou as escadarias do Teatro Municipal e a estátua do Maestro Carlos Gomes. Para Utzeri, “a marcha dos 100 mil foi o troco da Marcha da Família, com a qual, quatro anos antes, a classe média expressava apoio ao Golpe. A roda viva da história girara e o governo, pela primeira vez, estava na defensiva (2007, p. 36).

Vladimir Palmeira, líder do movimento, foi acompanhado por José Américo Pessanha (representante dos professores), Hélio Pelegrino (representante dos intelectuais) e Dona Irene Papi, a “supermãe” (personagem de Ziraldo, representando as mães). A passeata começou às 13h40 e sem alto-falantes, pessoas da frente ouviam o discurso de Vladimir e repetiam para os demais, em tom de oração. A multidão, movendo-se, clamava também o hino da independência, principalmente a estrofe: “ou

---

ficar a pátria livre, ou morrer pelo Brasil”. Vale ressaltar que o hino nacional havia sido apropriado pelos militares (UTZERI, 2007).

Hagemeyer (1997, p. 53) descreve o momento em que Vladimir faz o seu discurso: “todos se sentaram, na calçada, no meio fio, e até mesmo na rua. Este sem dúvida foi um dos gestos simbólicos mais significativos da passeata dos 100 mil”. O autor também afirma que, entre os oradores, a que melhor definiu a dimensão simbólica deste gesto foi a representante das mães, Dona Irene Papi, que declarou: "O povo está na praça pública, logo está na sua casa. Este é um direito de propriedade que precisa ser respeitado". Em outras palavras, o ato de sentar-se foi o gesto simbólico que melhor correspondeu à demarcação de território, além de mostrar a intenção pacífica da manifestação. “Estar à vontade na rua, como as crianças, um gesto que inspira acima de tudo "juventude" (HAGEMEYER, 1997, p. 54).

Ao chegar à Candelária às 16h, Vladimir Palmeira discursou: “Este lugar tem um significado muito grande para nós. Na missa de Edson, foi aqui que nós fomos violentamente reprimidos”. Às 17h30 a passeata dispersou-se e foi criada posteriormente a “Comissão dos 100 mil”, constituída pelos estudantes Franklin Martins e Marco Medeiros, do representante intelectual Hélio Pelegrino, do clero com Padre João Batista, pelo professor José Américo Pessanha e representando as mães, Irene Papi. Não houve incidentes (UTZERI, 2007).

Ao retornar para o JB, Evandro Teixeira trouxe consigo dezenas de fotos importantíssimas deste momento histórico na política brasileira, mas dentre elas, uma teve o seu destaque, cujo foco estava na mensagem de uma faixa erguida na multidão: “Abaixo a Ditadura. Povo no Poder” (figura 2). Essa emblemática foto, que será analisada no tópico seguinte, representa a face da resistência. É um recorte que representa o todo, a união de milhares de pessoas unidas e engajadas na mesma luta: a de recuperar a democracia.

Figura 2: Passeata dos 100 Mil. Fotografia de Evandro Teixeira.



Fonte: Portal Terra, 2014.

## ANÁLISE IMAGÉTICA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os termos “iconografia” e “iconologia” foram criados nas décadas de 1920 e 1930 para serem utilizados em análises de obras de arte. Peter Burke, em sua obra *Testemunha ocular: história e imagem* partiu deste princípio e afirmou que “para os iconografistas, pinturas não são feitas simplesmente para serem observadas, mas também para serem “lidas” (2004, p. 44). A prática da iconografia também implica uma crítica ao realismo fotográfico em nossa “cultura de instantâneos”, ou seja, estes iconografistas – ou historiadores da arte – se opuseram à ideia de superficialidade na interpretação das imagens e buscaram enfatizar o conteúdo intelectual das obras, bem como sua filosofia ou teologia empregada.

O grupo mais famoso de iconografistas que se tem registro se deu em Hamburgo, alguns anos antes da ascensão de Hitler ao poder. Reuniam-se estudiosos com boa educação clássica e interesses por literatura, história e filosofia. Dentre eles, destacou-se Panofsky, cujo ensaio publicado em 1939 sintetizou o enfoque dado às imagens, o qual se distinguia três níveis de interpretação correspondendo a três níveis de significado: 1. Descrição pré-iconográfica, voltada para o “significado natural” e identificação de objetos; 2. Análise iconográfica, voltada para o “significado

convencional” (reconhecendo os fatos tais como são) e 3. Interpretação iconológica, voltada para o “significado intrínseco”, ou seja, princípios subjacentes que revelam a atitude básica de um período, uma nação, classe, crença religiosa, filosofia. É nesta terceira análise que as imagens oferecem evidência histórica (BURKE, 2004).

Para a leitura de fotografias, o método de Panofsky influenciou na Proposição Metodológica de Análise e Interpretação das Fontes Fotográficas de Boris Kossoy, que para este, o desmonte do signo fotográfico se dá em duas etapas complementares: a análise iconográfica, que corresponde a apenas parte da busca pela compreensão da fotografia, e a interpretação iconológica, que de acordo com Kossoy (2007, p. 46), busca “detectar seus elementos constitutivos (fotógrafo, assunto, tecnologia) e suas coordenadas de situação (espaço, tempo)”.

Ao analisar as fotografias de Evandro Teixeira, nota-se que essas imagens carregavam e ainda carregam um significado ainda maior do que uma simples fotografia jornalística. Em seu livro “1968 destinos 2008: Passeata dos 100 mil” (2007), Teixeira afirmou que a câmera fotográfica foi a “arma” escolhida para lutar contra a ditadura. Seu compromisso era, de fato, registrar imagens com o propósito de denunciar as arbitrariedades e as injustiças cometidas pelo governo militar que tomaram de assalto a democracia. Em um período de forte censura, principalmente na imprensa, as fotografias tinham o poder – e o dever – de comunicar além do óbvio.

Partindo dos conceitos de Panofsky e Kossoy, inicia-se a análise iconográfica. Em um primeiro olhar, trata-se de uma imagem em preto e branco, que retrata um aglomerado de pessoas com uma faixa (objeto presente na imagem). É possível compreender que era uma manifestação contra a ditadura civil-militar, pois o objeto da imagem traz uma mensagem que remete ao protesto: “Abaixo a ditadura. Povo no poder”. Em um cenário ditatorial, o qual o povo não tinha direito ao voto e a democracia é perdida, clamava-se nas ruas o poder popular. O efeito de aglomeração traz uma ideia de união e força, que se intencionou por interesses comuns.

Na interpretação iconológica, compreendeu-se que a foto foi tirada por Evandro Teixeira, em 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro. Posteriormente, a manifestação recebeu o nome de “Passeata dos 100 mil”. Exposto a riscos pela forte repressão da polícia aos manifestantes, Teixeira capturava o que conseguia enquadrar, em segundos, geralmente em um único toque. Como relata o jornalista e ex-diretor do JB, Marcos Sá Corrêa, no livro “1968 destinos 2008: Passeata dos Cem Mil” (2007, p. 30): “o

profissional, àquela época, tinha de acertar no puro instinto a exposição do filme Tri-X em qualquer luz que lhe surgisse pela frente”. Evandro Teixeira, diferente dos demais, ousava em levar sua Leica, aparato que a maioria de seus colegas fotógrafos considerava ultrapassado, e foi com ela que o fotógrafo fez o registro da passeata, com ainda mais simplicidade. Corrêa complementa que, provavelmente, Teixeira revelou o filme em um cubículo, sob os degraus de madeira da escada que ligava a redação à gerência no JB. Neste laboratório, cujo termômetro era o próprio dedo do fotógrafo, media-se o tempo de revelação num despertador de corda. Era aconselhado secar o negativo o mais rápido possível, para entregar ao laboratorista o mais rápido possível, antes dos outros fotógrafos, aumentando as chances de sua fotografia sair na primeira página. Tudo corrido, assim como o momento de efervescência dos discursos e manifestações de 1968.

No livro “Evandro Teixeira: um certo olhar” (2014), Corrêa faz outras observações sobre a imagem: a primeira, é que Evandro Teixeira optou por fotografar numa perspectiva verticalizada, do alto da escadaria da Câmara Municipal, diferente de uma cena de chão. Observando a imagem, têm-se a sensação de que observamos um retrato, que foi tirado do alto. A foto, que foi realizada por volta das 11 horas da manhã, era de um momento em que as pessoas ainda se concentravam e apenas cerca de 15 mil pessoas estavam no local. No entanto, têm-se a sensação de totalidade, como se estivesse uma multidão absoluta.

A segunda observação de Corrêa é que apesar de conter uma faixa com os dizeres “Povo no poder”, o povo representado na foto, em si, são estudantes brancos, de óculos – ou seja, representa mais uma camada intelectualizada do que o povo, de fato. Evandro Teixeira teve sensibilidade ao fazer o recorte da foto, pois capturou a essência do movimento estudantil nas ruas. Observa-se, também, a expressão dessas pessoas: a grande maioria não demonstra sofrimento, mesmo em meio a um cenário caótico e repressivo. A expressão é de alegria, talvez o motivo seja a autorização do governo e por ser um ato pacífico, sem intervenção militar. O livre direito de se expressar é identificado dessa forma. Nas palavras de Teixeira para Moreira (2014, p. 89): “Vladimir era o foco. Mas uma hora vi que era preciso olhar além dele, e me virei para a multidão que estava ali escutando seu discurso”,

Fotografar a multidão com cartazes é uma das estratégias adotadas pelo fotógrafo, para atribuir poder narrativo e simbologias por meio da imagem. Por conta da

---

censura, como foi dito anteriormente, a imagem tinha como função sintetizar o acontecimento referido e deveria servir de complemento às informações do texto escrito, que por vezes era censurado ou alterado. Moreira (2014) afirma que essa foto foi uma das escolhidas pela editoria do jornal para a edição do JB no dia seguinte, no entanto, foi censurada. Na tentativa de driblar a proibição, os jornalistas falaram mal do estudantes para os censores na hora da redação, no entanto, a faixa (elemento central da foto) incomodou os oficiais. Por fim, a fotografia divulgada mostrava rostos descontentes com o governo e não trazia nenhuma mensagem levantada pelos manifestantes. A foto somente foi publicada no primeiro livro de Evandro Teixeira, *Fotojornalismo*, em 1983, tornando-se um símbolo tardio do movimento estudantil.

Ao manusear a foto para a produção de *Fotojornalismo*, Evandro Teixeira relata que o casal de amigos Elayne e Ernandes Fernandes encontrou-se nela mas na época da passeata, no entanto, eles não se conheciam. A partir disso, começaram a “brincadeira” de identificar outros colegas na foto, sempre que a fotografia era exposta em livros e exposições. Georgio Terruzzi, jornalista italiano e amigo de Evandro Teixeira, sugeriu transformar a imagem em um projeto, que se tornou o livro “1968 destinos 2008: Passeata dos Cem Mil”. Evandro Teixeira escolheu o mesmo cenário de 1968, a Cinelândia, para registrar 100 pessoas identificadas 40 anos após a fatídica foto da faixa. Do alto da escadaria da Câmara, novamente, Teixeira fez os retratos, como se aquelas pessoas estivessem assistindo novamente ao discurso de Vladimir Palmeira. Junto às imagens estão as suas histórias e seus destinos após a passeata.

Em suma, ao passo que em 1968 seu intuito como fotógrafo era denunciar a violência dos militares e mostrar a reação do povo mediante esses confrontos, atualmente, ele busca lembrar a história, por meio de suas fotografias e narrativas como testemunha ocular. Em seu livro “1968 destinos 2008: Passeata dos 100 mil”, ao reunir uma sequência de imagens da luta estudantil e alguns relatos de participantes dessas manifestações, Evandro Teixeira cria novos discursos e novas fotografias de outras pessoas que também estiveram na maior manifestação pública já registrada na história, propondo uma nova significação dos fatos.

Registros sobre essas manifestações, especificamente a imagem aqui analisada, tornaram-se a face a repressão e da resistência durante a ditadura civil-militar. Hoje, elas são elementos centrais da memória dos anos de chumbo e carregam a “missão” do

esforço de impedir o esquecimento ou abrandamento que o tempo, muitas vezes, lança sobre a história.

Evandro Teixeira revela por meio de suas fotografias que seu intuito nunca foi somente o de informar. Suas imagens, carregadas de significados e simbologias, contribuem para o registro da história e ao avivamento da memória das futuras gerações, através do que foi testemunhado por meio de seu olhar. Mesmo que grande parte de seu acervo tenha sido apreendido pela censura naquele momento, suas fotografias ganharam significações posteriores, ganhando um valor histórico imensurável.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo; RIDENTI, Marcelo. **Operários e estudantes contra a ditadura: 1968 no Brasil**. Revista Mediações, v. 12, n. 2, p. 78 – 89. 2007.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

FREIRE, Silene de Moraes. **Movimento estudantil no Brasil: lutas passadas, desafios presentes**. Revista Historia de La Educación Latinoamericana, v. 11, p. 131 – 146. 2008.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **Movimento Estudantil 68: Imagens da paixão**. Dissertação (mestrado). Curso de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1997.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX (1914 – 1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 2 ed.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

MOREIRA, Silvana Costa. **Evandro Teixeira: um certo olhar**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014

PINTO, Marcus Vinicius. **Infiltrado, fotógrafo registrou o começo do regime militar**. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/infiltrado-fotografo-registrou-o-comeco-do-regime-militar,a9d4111cb00f4410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html> >. Acesso em: 30 jun. 2019.

SANFELICE, José Luís. **Movimento estudantil: a UNE na resistência ao Golpe de 64**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

TEIXEIRA, Evandro. **1968 destinos 2008: Passeata dos 100 mil**. Rio de Janeiro: Textual, 2007.

VALLE, Maria Ribeiro do. **O diálogo é a violência: Movimento estudantil e ditadura militar em 1968**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. 1997.